



V SEMINÁRIO FORMAÇÃO DOCENTE
Intersecção entre universidade e escola
"Paulo Freire: contribuições
para a educação pública"

RELATO DE EXPERIÊNCIA: leituras de Paulo Freire mediando reflexões sobre o ser professora e o poder da palavra

Giovanna Gomes Sansero VIEIRA (FACALE/UFGD)*

Milenne BIASOTTO (FACALE/UFGD)**

Eliane Aparecida MIQUELETTI (FACALE/UFGD)***

RESUMO: Neste relato, realiza-se reflexões sobre a experiência de leitura de obras freirianas proporcionada pelas formações do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) no âmbito do curso de Letras da UFGD, subprojeto Língua Portuguesa. Inicialmente, apresenta-se uma breve exposição dos objetivos gerais do programa e da organização e desenvolvimento do subprojeto em que as autoras se inserem. Em seguida, retoma-se alguns aspectos da biografia de Paulo Freire, destacando suas contribuições para a educação brasileira. Por fim, procura-se mostrar a importância das ideias defendidas pelo educador para uma formação docente progressista e comprometida com ideais emancipadores, o que inclui a compreensão crítica da importância do ato poderoso de ler.

Palavras-chave: PIBID. Formação Docente. Paulo Freire.

1 Introdução

No ano em que comemoramos o centenário de Paulo Freire, enfatizar as contribuições desse grande educador é, sem dúvida, fundamental, motivo pelo qual centramos este relato reflexivo em torno de sua figura. Suas obras integram a

* Graduanda do curso de Letras da Faculdade de Comunicação, Artes e Letras - Universidade Federal da Grande Dourados. Egressa do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), subprojeto Língua Portuguesa. E-mail: giovanna-sansero@outlook.com.

** Professora da Faculdade de Comunicação, Artes e Letras - Universidade Federal da Grande Dourados. Coordenadora do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), subprojeto Língua Portuguesa. E-mail: milennebiasotto@ufgd.edu.br.

*** Professora da Faculdade de Comunicação, Artes e Letras - Universidade Federal da Grande Dourados. Coordenadora do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), subprojeto Língua Portuguesa. E-mail: elianemiqueletti@ufgd.edu.br.



V SEMINÁRIO FORMAÇÃO DOCENTE Intersecção entre universidade e escola "Paulo Freire: contribuições para a educação pública"

formação dos licenciandos do curso de Letras da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), lócus de nossa atuação.

No âmbito do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), subprojeto de Língua Portuguesa, leituras de Paulo Freire são constantes e orientam o “pensar certo” no desenvolvimento das atividades. Ao fazer menção a esse “pensar certo”, Freire defende certos posicionamentos do professor progressista, que incluem o respeito à ética, à autonomia, à criatividade, à criticidade, ao pensamento reflexivo. O “pensar certo”, segundo ele, culmina no “agir certo”:

o professor que realmente ensina, quer dizer, que trabalha os conteúdos no quadro da rigorosidade do pensar certo, nega, como falsa, a fórmula farisaica do ‘faça o que mando e não faça o que faço’. Quem pensa certo está cansado de saber que as palavras a que falta a corporeidade do exemplo pouco ou quase nada valem. Pensar certo é fazer certo”. (FREIRE, 1996, 34).

Neste relato, buscamos mostrar nossa experiência de leitura de obras do patrono da educação brasileira e sua ressonância nas reflexões que realizamos sobre o poder das palavras e, conseqüentemente, da leitura, bem como sobre a construção da identidade docente.

2 O PIBID/Letras: subprojeto de Língua Portuguesa no contexto pandêmico

O PIBID tem o papel fundamental de auxiliar, embasar e proporcionar experiências educacionais teórico-práticas aos alunos ingressantes em cursos de licenciatura, tendo em vista aprimorar sua formação inicial. Um de seus principais objetivos é apresentar ao licenciando o cotidiano da educação básica na rede pública de ensino, possibilitando, assim, uma vinculação necessária entre universidade e escola. Além disso, a proposta é que juntos, professores (da universidade e da escola) e iniciantes à docência, possam enriquecer sua formação.

Atuamos no âmbito do subprojeto Língua Portuguesa (PIBID/Letras-UFGD) que tem, em sua constituição, 2 coordenadoras de área, 2 supervisoras e 20 iniciantes à docência (IDs), 16 bolsistas e 4 voluntários. O PIBID é organizado por meio de editais, que têm duração máxima de 18 meses. O subprojeto no qual nos inserimos teve início em outubro de 2020, ou seja, já conta com 8 meses de desenvolvimento. É importante ressaltar que as atividades se iniciaram em meio à pandemia do COVID-19, o que resultou numa total atuação remota de coordenadoras, supervisoras e IDs



V SEMINÁRIO FORMAÇÃO DOCENTE Intersecção entre universidade e escola "Paulo Freire: contribuições para a educação pública"

até este momento e é com base nesse contexto que apresentamos as reflexões aqui relatadas.

Normalmente, no modo presencial de ensino, realizávamos reuniões gerais para planejamento, formação e avaliação das atividades desenvolvidas; além disso, participávamos de eventos acadêmico-científicos e experienciávamos o cotidiano escolar a partir de projetos elaborados em conjunto pelos integrantes do programa, o que possibilitava aos licenciandos o contato com toda a comunidade escolar, propiciando-lhes a participação em atividades diversas e a experimentação de aspectos de sua futura profissão.

Encontrar um caminho para nos integrarmos enquanto grupo de professoras (da universidade e da escola) e de iniciantes à docência numa formação que se aproximasse da normalidade com que estávamos habituados, em um contexto de ensino remoto durante uma pandemia, foi um grande desafio.

Num primeiro momento, foi realizada uma reunião por videochamada, via Google Meet, com coordenadoras de área e as supervisoras das duas escolas nas quais atuamos (escolas estaduais Maria da Gloria Muzzi Ferreira e Floriano Viegas Machado). Nessa reunião, além de nos conhecermos melhor e esclarecermos sobre os objetivos do programa, começamos a rascunhar possibilidades de formatação das atividades do nosso subprojeto de forma a criar momentos de acolhimento e formação conjunta, ainda que de forma remota.

Num segundo momento, realizamos uma reunião conjunta, sempre via Google Meet, com as coordenadoras, supervisoras e IDs, também no intuito de nos conhecermos, esclarecermos os objetivos do programa e organizarmos coletivamente um cronograma de atividades. Nesse dia, uma das iniciantes à docência iniciou o encontro com a leitura de um poema¹ que costuma ser atribuído a Paulo Freire: "A escola"². Embora a autoria não seja de Freire, o texto suscitou discussões sobre o estudioso. Conversamos sobre a mensagem do poema, da qual o grupo pareceu ter

¹ Em todos os encontros de formação, um participante do programa realiza, no início do encontro, uma leitura de fruição.

² O Instituto Paulo Freire, ao ser questionado sobre a autoria do poema, responde: "de acordo com os filhos de Paulo Freire, esse poema não foi escrito por ele e sim por uma educadora que estava assistindo a uma palestra dele. Com base no que ouvia, ela foi escrevendo o poema utilizando frases e ideias de Freire. No final da palestra aproximou-se dele e lhe entregou o papel, sem se identificar. Freire nunca publicou esse poema em nenhum de seus livros, embora suas ideias sobre a escola tenham sido captadas pela autora e traduzidas no poema". Disponível em: <https://www.paulofreire.org/perguntas-frequentes>. Acesso em 28 jun. 2021.



V SEMINÁRIO FORMAÇÃO DOCENTE Intersecção entre universidade e escola "Paulo Freire: contribuições para a educação pública"

gostado, e as coordenadoras perguntaram aos IDs se já tinham ouvido falar em Paulo Freire. A maioria disse que sim; alguns afirmaram conhecer “um pouco”, outros disseram: “já ouvi falar, mas não sei dizer bem quem ele é”. Essas respostas nos fizeram pensar sobre a necessidade de os licenciandos conhecerem um pouco mais essa figura emblemática da educação brasileira e, depois de uma tarde de muito diálogo, ficou decidido que iniciariamos nossos encontros semanais a partir de alguns textos de Paulo Freire.

Nos próximos tópicos, enfocaremos as descobertas/reflexões que as leituras de Paulo Freire nos proporcionaram em alguns encontros do subprojeto Língua Portuguesa. Antes, porém, retomamos brevemente a biografia do educador, enfatizando seu legado para a educação brasileira.

3 Paulo Freire e o seu legado

“Eu gostaria de ser lembrado como um sujeito que amou profundamente o mundo e as pessoas, os bichos, as árvores, as águas, a vida”. (FREIRE, 2017, p. 37). Esta foi a resposta de Paulo Freire sobre como gostaria de ser lembrado, em entrevista concedida a Sidney Silvestre no ano de 1997, conforme nos conta Ana Maria Araújo Freire – Nita Freire, viúva de Paulo Freire – na obra biográfica que escreveu sobre o marido. A autora diz, a partir desse relato, que:

nos mais de 75 anos de vida certamente o sentimento que Paulo mais viveu foi esse: o amor. Recebeu o dom da amorosidade e foi construindo seu existenciar-se em torno do amar os outros e as outras e oferecer-se ao amor na sua mais genuína autenticidade (FREIRE, 2017, p. 36).

É assim que apresentamos o educador pernambucano Paulo Reglus Neves Freire: um ser transbordante de “amorosidade”, termo que aparece recorrentemente em suas publicações como qualidade que o professor/professora precisa incorporar, “sem a qual seu trabalho perde o significado” (FREIRE, 1997, p.38).

Sua atuação profissional foi fortemente marcada na área da Educação, embora tenha se graduado em Direito no ano de 1943. Atuou como professor de Língua Portuguesa no Colégio Oswaldo Cruz, como professor na Universidade do Recife, na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, na Universidade Estadual de Campinas, foi convidado a lecionar em dez universidades no exterior, entre elas a



V SEMINÁRIO FORMAÇÃO DOCENTE Intersecção entre universidade e escola "Paulo Freire: contribuições para a educação pública"

Universidade de Harvard, a Universidade da Califórnia e a Universidade de British Columbia. Nas palavras de Nita Freire (2017), foi um educador político, um educador revolucionário e um político educador.

Sua trajetória, reconhecida nacional e internacionalmente, levou-o a ser titulado como patrono da educação brasileira em 2012, pela Lei 12.612, sancionada pela então presidenta Dilma Rousseff. É importante relatar que tramita, na Câmara dos Deputados, um Projeto de Lei que tenta revogar a Lei 12.612. O projeto foi submetido pelo deputado Heitor Freire (PSL/CE), em 2019. Infelizmente, Paulo Freire tem tido seu legado frequentemente atacado, o que se intensificou no governo do atual presidente Jair Messias Bolsonaro, que teve início em 2018. Inclusive, também em 2019, a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal do Nível Superior – CAPES, alterou o nome de uma de suas plataformas, a Plataforma Freire, passando a denominá-la Plataforma Capes de Educação Básica.

Entre as mais de trinta e cinco obras publicadas, em vida e póstumas, estão: *Educação Como Prática da Liberdade* (1967), *Pedagogia do Oprimido* (1987), *Professora, sim, tia, não: carta a quem ousa ensinar* (1997), *Pedagogia da Autonomia* (1996). Suas temáticas e intenções giravam em torno da emancipação crítica, intelectual, social, cultural e política não só de seus alunos (que, em sua maioria, faziam parte da população que era excluída e oprimida), mas também da sociedade em geral, almejando que esta fosse mais democrática e inclusiva.

Posto isso, gostaríamos de enfatizar que o educador continua a contribuir em vários âmbitos da sociedade com sua vasta produção literária, de caráter extremamente contemporâneo. Não obstante, suas obras e sua própria pessoa, como já mencionamos, vêm sofrendo ataques ideológicos reacionários e antidemocráticos, algo a ser debatido e enfrentado. Se a educação é uma primazia, Paulo Freire também o é. Ele sempre considerou e dignificou a cultura, os saberes e as práticas de seus educandos; valorizou a autonomia dos oprimidos e dos excluídos, potencial fator para tantos ataques perpetrados pelas classes sociais dominantes, que se favorecem dessa opressão e exclusão.

As suas produções foram embasadas num modelo construtivista de educação, que torna o aluno o protagonista de seu próprio conhecimento e assimilação de conteúdos. Com o ideal de emancipar seus educandos, deu ênfase à alfabetização destes, pois a leitura e a escrita assegurariam as suas autonomias enquanto cidadãos:



V SEMINÁRIO FORMAÇÃO DOCENTE Intersecção entre universidade e escola "Paulo Freire: contribuições para a educação pública"

Esta é uma das violências que o analfabetismo realiza – a de *castrar* o corpo consciente e falante de mulheres e de homens, proibindo-os de ler e de escrever, [...], o analfabetismo as mutila e se constitui num obstáculo à assunção plena da cidadania. (FREIRE, 1997, p.07)

A alfabetização, segundo ele, não se faz apenas no ato de soletrar, decodificar e memorizar as palavras, como prega um ensino mais tradicionalista. Freire procurava, justamente, se esquivar dessa linha de raciocínio e, realmente, ensinar os seus alunos a ler as palavras e a ler o mundo, de modo a torná-los críticos, autônomos. Propôs a fuga de leituras, aprendizados e memorizações que fossem mecânicos. Tudo aquilo a ser ensinado e aprendido deveria ter uma significação e uma aplicação na realidade, uma característica de sua concepção humanizadora de educação.

A sua prática pedagógica, portanto, também levou em consideração os contextos sociais e as realidades cotidianas de cada estudante para a prática de ensino e aprendizagem, o que nos conduz a repensar o papel do docente enquanto mediador de conhecimentos e experiências.

4 O que é ser professora?

Durante alguns encontros de formação do Pibid-Letras, entre novembro de 2020 e fevereiro de 2021, apreciamos e analisamos dois textos de Freire: *Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar* (1997) e *A importância do ato de ler em três artigos que se complementam*. (1989). Após a leitura prévia, partilhamos nossas reflexões sobre e a partir dos textos e algumas delas serão expostas neste e no próximo tópico.

A leitura de *Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar* auxiliou-nos no olhar para a construção do ser professora. Outrora, o papel do docente poderia aparentar, para alguns pibidianos, a mera transmissão de conteúdos, em que o aluno não tinha espaço para ser ativo, mas apenas receptivo aos conhecimentos difundidos. E, há pouco, pós leituras de Paulo Freire, bem como de outros autores citados ao longo das discussões, como José Carlos Libâneo (2013), percebemos que nem o papel do docente nem o do discente se reduzem a esta concepção. Sobre a prática da formação docente, Freire (1996, p.12) nos orienta:

O que me interessa agora, repito, é alinhar e discutir alguns saberes fundamentais à prática educativo-crítica ou progressista e que, por isso mesmo, devem ser conteúdos obrigatórios à organização



V SEMINÁRIO FORMAÇÃO DOCENTE Intersecção entre universidade e escola "Paulo Freire: contribuições para a educação pública"

programática da formação docente. Conteúdos cuja compreensão, tão clara e tão lúcida quanto possível, deve ser elaborada na prática formadora. É preciso, sobretudo, e aí já vai um destes saberes indispensáveis, que o formando, desde o princípio mesmo de sua experiência formadora, assumindo-se como sujeito também da produção do saber, se convença definitivamente de que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção.

O estudioso ensina e encanta os leitores, menos ou mais acostumado com seus textos, em cada detalhe que vai compondo sua obra. Destaque para o exame das partes que compõem o título do livro. Na explicação dada pelo autor à parte "cartas a quem ousa ensinar", podemos vislumbrar a concepção freiriana do que é ser uma professora:

No fundo, o discurso sintético ou simplificado, mas bastante comunicante, poderia, de forma ampliada, ser assim feito: a tarefa do ensinante, que é também aprendiz, sendo prazerosa é igualmente exigente. Exigente de seriedade, de preparo científico, de preparo físico, emocional, afetivo. É uma tarefa que requer de quem com ela se compromete um gosto especial de querer bem não só aos outros, mas ao próprio processo que ela implica. É impossível ensinar sem essa coragem de querer bem, sem a valentia dos que insistem mil vezes antes de uma desistência. É impossível ensinar sem a capacidade forjada, inventada, bem cuidada de amar (FREIRE, 1997, p. 08).

De fato, ser professora é uma ousadia. Ousar ensinar não é tarefa para qualquer um: é para aquele sujeito que quer bem ao próximo, que ama e persiste no ato de formar e formar-se, que busca a compreensão e a apreensão por parte de seu aprendiz; que procura estar em constante movimento de diálogo com o outro. É também necessário ousar para ser crítico, para se falar cientificamente, ter domínio de seu conteúdo e ter a capacidade de interpretá-lo, bem como de se aprofundar e estar em constante aprendizagem, como enfatiza o educador: "[...] responsabilidade ética, política e profissional do ensinante lhe colocam o dever de se preparar, de se capacitar, de se formar antes mesmo de iniciar sua atividade docente", atividade que exige "processos permanentes" de formação, fundadas "na análise crítica de sua prática" (FREIRE, 1997, p.19).

Nesse sentido, o professor precisa ser aquele que está ali para ser confrontado e debater sobre o porquê das discordâncias. E esta é a função da docente, enquanto profissional e militante que é, como tão bem defende Paulo Freire. Pois, sim, há



V SEMINÁRIO FORMAÇÃO DOCENTE Intersecção entre universidade e escola "Paulo Freire: contribuições para a educação pública"

política em todo ato educacional, o que não quer dizer que deva ser partidária e/ou panfletária. A neutralidade inexistente:

Não é demais repetir aqui essa afirmação, ainda recusada por muita gente, apesar de sua obviedade, a educação é um ato político. A sua não neutralidade exige da educadora que se assuma como política e viva coerentemente sua opção progressista, democrática ou autoritária, reacionária, passadista ou também espontaneísta, que se defina por ser democrática ou autoritária. (FREIRE, 1997, p. 58).

É igualmente importante salientarmos que, para ensinar, é preciso estudar; aprender a aprender, a conviver e a respeitar as diferenças; a aceitar a legitimidade de cada sujeito; a avaliar para formar (e não para punir), a criar e a recriar, excluindo qualquer tipo de autoritarismo no ensino e evitando que ideologias influenciem em nossas práticas pedagógicas. E, por fim, é despertar em seu aluno a curiosidade pelo saber.

As ideias preconizadas pelo também educador José Carlos Libâneo (2013) convergem com as do educador pernambucano no que diz respeito ao papel docente, ao ensino crítico e construtivista. Ele disserta, assim como Freire, que é imprescindível que o(a) professor(a) estimule o desejo e a curiosidade de seu educando pela aquisição do saber e que, esta última, seria realizada por meio de um ensino crítico. Ou seja, o educador seria o canal das bases teóricas a serem aprendidas, mas, também, teria em vista objetivos sociopolíticos e pedagógicos, assim como conteúdos e métodos que viabilizem a protagonização de seus alunos, o desenvolvimento de pensamentos independentes, bem como suas respectivas assimilações conscientes e ativas. Isto com a finalidade de emancipá-los intelectual e socialmente para que estejam preparados a enfrentar os problemas e dificuldades que possam surgir em diversos contextos e realidades sociais. Afinal, ensinar e aprender são ações recíprocas.

5 A leitura e o poder das palavras

A temática "leitura" é frequentemente pautada nas discussões envolvendo professores e licenciando do curso de Letras e compreendemos que a clareza nessa concepção é uma das questões primordiais para o futuro professor.

Nesse sentido, realizamos a leitura do texto *A importância do ato de ler* (FREIRE, 1989) – a partir dele ficou decidido que cada um faria posteriormente a



V SEMINÁRIO FORMAÇÃO DOCENTE Intersecção entre universidade e escola "Paulo Freire: contribuições para a educação pública"

leitura do restante da obra –, que nos despertou novas reflexões e visões acerca do poder da leitura. A leitura, num sentido mais amplo, ultrapassa a decifração do código linguístico, levando em consideração outras linguagens. De acordo com Martins (1988, p.17), numa visão freiriana,

o conhecimento da língua não é suficiente para a leitura se efetivar. Na verdade o leitor pré-existe à descoberta do significado das palavras escritas; foi-se configurando no decorrer das experiências de vida, desde as mais elementares e individuais às oriundas do intercâmbio de seu mundo pessoal e o universo social e cultural circundante.

No texto *A importância do ato de ler*, em uma célebre afirmação, Paulo Freire enfatiza que, para ler a palavra, é necessário, previamente, ler o mundo: “a leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente” (FREIRE, 1989, p.19-20). Isto é, a partir do conhecimento apriorístico de mundo, que envolve os nossos contextos sociais, vivências, bem como a realidade em que estamos inseridos, a leitura dos códigos *a posteriori* faria mais sentido e permitiria volver à leitura do mundo com uma visão mais crítica.

Ao rememorar sua história com a leitura desde a tenra infância, buscando mostrar a importância do ato de ler, Freire nos ensina que a leitura do mundo e a leitura da palavra devem ser indissociáveis, o que nem sempre acontece. Mostra-nos também a cronologia de sua relação com a leitura: “primeiro, a ‘leitura’ do mundo, do pequeno mundo em que me movia; depois, a leitura da palavra que nem sempre, ao longo de minha escolarização, foi a leitura da ‘palavramundo’” (FREIRE, 1989, p. 20). Ao falar da primeira professora, a saudosa professora Eunice, enfatiza a necessária indissociabilidade das leituras de mundo e da palavra: “com ela, a leitura da palavra, da frase, da sentença, jamais significou uma ruptura com a “leitura” do mundo. Com ela, a leitura da palavra foi a leitura da ‘palavramundo’” (FREIRE, 1989, p. 20).

É justamente por isso que o ensino e a aprendizagem devem estar correlacionados com a realidade de cada aluno em particular, assim como com a sua própria comunidade escolar e com a região na qual a instituição esteja inserida. Em nada adiantará uma práxis pedagógica que não leve em consideração as experiências vividas pelos alunos.



V SEMINÁRIO FORMAÇÃO DOCENTE Intersecção entre universidade e escola "Paulo Freire: contribuições para a educação pública"

Por isso mesmo, pensar certo coloca ao professor ou, mais amplamente, à escola, o dever de não só respeitar os saberes com que os educandos, sobretudo os das classes populares, chegam a ela, saberes socialmente construídos na prática comunitária — mas também, como há mais de trinta anos venho sugerindo, discutir com os alunos a razão de ser de alguns desses saberes em relação com o ensino dos conteúdos (FREIRE, 1996, p.15).

É a partir do olhar crítico para as vivências e conhecimentos dos alunos que o professor passa a mediar as concepções, os conteúdos, o processo de ensino/aprendizagem, numa construção conjunta com o educando, em que ambos aprendem e ensinam concomitantemente.

Ressaltamos que todo esse processo de ensino/aprendizagem crítico focaliza o poder das palavras e as intenções implicadas em suas escolhas. O que pode emancipar e libertar, também pode aprisionar. Com base nisso é que nós, educadoras e futuras educadoras, precisamos nos comprometer com uma postura progressista na sala de aula, nosso lócus privilegiado de atuação. Como bem afirmou Sanfelice (1986, p.89), ao falar da importância da sala de aula na contemporaneidade,

[...] não deixo de visualizar uma importante contribuição da Sala de Aula, hoje, para com perspectivas e propostas que apontam as necessidades de mudança do *status quo*. Afinal de contas, concordo que a educação, possui, antes de tudo, um caráter mediador e que, no caso concreto da sociedade de classes, como a nossa, “ela se situa na relação entre as classes como momento de mascaramento/desmascaramento da mesma relação entre as classes”³.

Iniciando-se no mundo, complementando-se na sala de aula (mediado pela ação docente), e retornando ao mundo, o empoderamento na e pela leitura se faz primordial e libertador. É nesse sentido que Freire (1989, p. 14) estabelece a leitura como um instrumento contrário à hegemonia de uma classe social sobre outra

É neste sentido que a leitura crítica da realidade, dando-se num processo de alfabetização ou não e associada sobretudo a certas práticas claramente políticas de mobilização e de organização, pode constituir-se num instrumento para o que Gramsci chamaria de ação contra-hegemônica.

³ Nesta passagem, Sanfelice cita o texto “Educação e Contradição: elementos metodológicos para uma teoria crítica do fenômeno educativo”, de Cury (1984, p. 65).



V SEMINÁRIO FORMAÇÃO DOCENTE Intersecção entre universidade e escola "Paulo Freire: contribuições para a educação pública"

6 Considerações finais

Este relato das experiências de leitura viabilizadas pelo Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência, subprojeto Língua Portuguesa, visou trazer, a partir da perspectiva de uma iniciante à docência e duas coordenadoras de área do programa, reflexões acerca das contribuições de Paulo Freire e suas implicações para a profissão docente e para a formação de cidadãos em nossa contemporaneidade.

As vivências oportunizadas pelo PIBID são grandes contributos à formação docente, vivências que, quando atravessadas pelas leituras de Paulo Freire, possibilitam a construção de um perfil docente de caráter libertador e humanizador. Esse perfil, perpetuado em salas de aula, formará estudantes protagonistas de seu processo de ensino/aprendizagem, cidadãos mais autônomos e críticos.

Ao enfatizarmos a relevância de Paulo Freire no cenário nacional e internacional, pretendemos defender uma educação mais democrática e inclusiva. Precisamos, para tanto, de políticas públicas que enxerguem, priorizem e incentivem a educação, levando em consideração que este é o meio mais viável de fazer avançar uma sociedade.

Esperamos que as reflexões apresentadas neste relato possam servir para enfatizar o grande legado que Paulo Freire deixou para a educação e que possamos, a despeito daqueles que tentam minimizar sua importância, recriá-lo, reinventá-lo, como nos convida Nita Freire:

Ler o mundo nos espaços/tempos de cada um dentro de nós, de cada um de nós em relação com as nossas sociedades, como Paulo nos ensinou, continuará a ser a tarefa dos que querem construir um mundo mais justo, mais bonito e verdadeiramente democrático, seu sonho maior. Esta utopia não foi encerrada com sua morte, enfatizo, devemos ter isso bem claro. Os eventos, as instituições, sua obra, muitas pessoas que nos dias de hoje o recriam e que se espalham cada dia mais pelo planeta Terra, podem levar seus sonhos utópicos a rincões distantes, a gentes diferentes. Conhecê-lo melhor é fundamental para reinventá-lo, como ele tanto desejava porque sempre teve a preocupação de não ter seguidores ou discípulos, mas recriadores, sujeitos curiosos que possam dizer coisas sobre as coisas que ele disse e fazer coisas sobre as coisas que ele fez, renovando-o, atualizando-o, reinventando-o histórica, política e epistemologicamente, com seriedade ética. Sobretudo com seriedade ética, o perpetuar. (FREIRE, 2017, p.37).



V SEMINÁRIO FORMAÇÃO DOCENTE
Intersecção entre universidade e escola
"Paulo Freire: contribuições
para a educação pública"

REFERÊNCIAS

FREIRE, Ana Maria Araújo. **Paulo Freire**: uma história de vida. 2ª ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Editora Paz e Terra, 2017.

FREIRE, Paulo. **Educação como Prática da Liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. A importância do ato de ler. In: FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler em três artigos que se completam**. 23ª ed. São Paulo: Cortez, 1989, p. 9-14.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 25 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Professora sim, tia não**: cartas a quem ousa ensinar. São Paulo: Editora Olho d'Água, 1997.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2013.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura**. São Paulo: Brasiliense, 1988.

SANFELICE, José Luíz. Sala de aula: intervenção no real. In: MORAIS, Régis de (org.). **Sala de aula**: que espaço é esse? Campinas: Papirus, 1986.